



Grupo ‘Fratelli Tutti’, constituído por: Ângela Barreto Xavier, António Chaves Costa, António Costa Lima, Filipa Lami Fortunato, Francisca Costa Lima, Sandra Chaves Costa, Steffen Hörnig, Tiago Fortunato

Visão da Igreja atual e propostas de mudança

Consideramos que Igreja atual mostra uma crescente consciência da necessidade de evoluir segundo o Evangelho, o que implicará a rutura de alguns paradigmas. O Papa Francisco tem desempenhado um papel fundamental nesta tendência, representando a voz da esperança. O Papa tem sido o promotor do diálogo como especial forma de caminhar na dimensão do Evangelho, tem denunciado regimes ditatoriais e não-democráticos, os riscos dos excessos do consumismo e do capitalismo, a necessidade de conversão ecológica. E tem promovido o acolhimento de imigrantes, a igualdade de género no seio da Igreja, a escuta e integração dos jovens.

A Igreja sempre teve um papel relevante na educação e na cultura e no apoio aos mais desfavorecidos; é a instituição mais antiga e com maior obra caritativa feita. Contudo, apresenta-se com um número decrescente de fiéis, envelhecida, conservadora, desligada das dinâmicas sociais, demasiado corporativa, com uma comunicação desadequada, opacidade de atuação e, frequentemente, pouco auto-reflexiva. Sentimos que este diagnóstico caracteriza, em particular, a diocese de Lisboa, na qual a maioria da comunidade dos crentes (as leigas e os leigos) não é devidamente escutada, e em que o diálogo profícuo com outras entidades da sociedade, crentes e não-crentes, parece ser reduzido.

Assim sendo, precisamos de uma nova linguagem que promova a frescura e intemporalidade do Evangelho, que permita uma maior análise e evolução em matérias como o papel da mulher na igreja, as novas formas de família, o ecumenismo e o papel

dos jovens e dos leigos na igreja, o crescente endividamento e dinâmicas sociais que o promovem.

Para a Capela do Rato, em concreto, propomos: reuniões intergeracionais; reuniões e celebrações ecuménicas, missas mais participadas pelos leigos e jovens (e uma missa de jovens, ao final da tarde), assembleias comunitárias (anuais) para balanço do ano, realização de *Open days* com a participação de pessoas fora da comunidade, ciclo de reflexões sobre questões da sociedade atual organizado de forma ecuménica.

No que diz respeito à Diocese de Lisboa e à Igreja nacional, sugerimos que: no interior da igreja, se promova a escuta direta dos leigos que não fazem parte das associações de fiéis, e a sua integração nos mecanismos de decisão (com uma especial atenção para as mulheres e os jovens); se aproveite a preparação das Jornadas Mundiais da Juventude para estimular a sinodalidade e fóruns de diálogo com os jovens, de maneira a tornar estas jornadas uma semente da igreja do 3º milénio; que se invista na formação dos pregadores, de modo a que estes consigam tocar a comunidade de crentes a quem se dirigem; que se altere a forma de eleição dos bispos locais, de maneira a contar com a participação da comunidade da diocese correspondente, a qual deverá ter uma palavra a dizer e, inclusive, sugerir nomes a ter em consideração. No diálogo com o resto da sociedade, se fomente a escuta de vários segmentos da sociedade, através da criação de um Conselho, marcado pela horizontalidade, que reúna pessoas que integram diferentes áreas da vida pública, bem como pessoas ‘anónimas’ (pessoas em situação de pobreza de vários tipos, sem-abrigo, deficientes) de modo a auscultar os seus anseios e expectativas em relação ao papel da Igreja; se dinamizem fóruns de debate intergeracionais, com representantes dos vários setores da sociedade, cristãos e não cristãos. No diálogo ecuménico, se invista mais no diálogo com as igrejas ‘protestantes’, nomeadamente no que diz respeito a questões como a sexualidade, o celibato, a ordenação das mulheres e uma visão mais transversal da Igreja, mas também com as religiões não-cristãs (nomeadamente o Judaísmo, o Islão e o Hinduísmo).